

Car@s leitor@s,

a migração forçada de negros escravizados para o Brasil é uma das manchas mais cruéis de nossa história. Hoje, 130 anos após a assinatura da Lei Áurea, não há como negar que os afrodescendentes brasileiros ainda sofrem os efeitos da escravidão. Mas é vã a tentativa de depreciação do enorme impacto do legado africano em nossa vida. A nossa linguagem, nossa música, nossa culinária, nossa cultura e também nossa religiosidade foram influenciadas de maneira definitiva.

Parte da importância da África na religiosidade brasileira será tratada nesta edição temática de Último Andar. Nesta primeira parte da revista teremos debates acerca do diálogo como tentativa de superar o preconceito, inclusive no ambiente escolar; como a capoeira e o carnaval são impactados pela religiosidade africana; e o raro registro sonoro do iorubá falado nos terreiros baianos nos anos de 1950.

Na segunda parte de Último Andar, contaremos com a contribuição de pesquisa, artigos e resenha não apenas de estudantes do programa de Ciência da Religião da PUC-SP, mas também de outras instituições como Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), Faculdade Unida de Vitória (ES), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e PUC-MG.

Também teremos, graças à intermediação do professor doutor Eduardo Cruz, do Programa de Ciência da Religião da PUC-SP, a tradução de um texto fundamental de Linda Woodhead, professora da Universidade de Lancaster (Reino Unido), especialista em estudos da religião, sociologia da religião e gênero.

Não deixem de acompanhar as novidades e curtir a nossa página no Facebook:

<https://www.facebook.com/revistaultimoandar>.

Boa leitura!

*Comitê Editorial*

*Foto da capa:* Marco Antonio Fontes de Sá